

FÉRIAS: biquínis, maiôs e roupas para brincar depois da praia

Crescer

www.crescer.globo.com



EDITORA
GLOBO
JANEIRO 2006
EDIÇÃO 146
R\$ 6,90



COLO DE MÃE

Quais são os benefícios
e qual é o limite

Saudade do bebê

Por que a gente
fica triste quando
eles crescem

Como manter
seu filho longe
das drogas desde
pequeno

Arthur
Pires

O problema é dele?

90% dos casos
de infertilidade
masculina têm
solução

Bebês DO Brasil

Uma série de
reportagens vai contar
como anda a infância
no nosso país

20

DICAS PARA SEU FILHO COMER MELHOR

Bebês DO Brasil

Histórias reais que formam o retrato da primeira infância no país

Patrícia Cerqueira

A cada hora nascem 321 bebês no Brasil. São 5,36 por minuto ou um a cada 11,2 segundos. Eles chegam ao mundo pelas mãos de parteiras, como no Amapá, e de obstetras estrelados, como em São Paulo. Todo dia tem bebê dormindo em rede e em berço desenhado por arquiteto. Tomando banho em bacias de plástico e em miniofurôs. Aprendendo a andar em chão de terra batida, na areia da praia, no piso de tábua corrida do apartamento. Bebendo chimarrão, missoshiro, caldinho de feijão. Comendo papa de uariri (um tipo de farinha de mandioca grossa) e saboreando jambo, banana, maçã e açaí. São loiros, negros, pardos, índios, orientais. “Cada estado brasileiro é um país”, diz Sandra Peres, do grupo musical infantil Palavra Cantada, que viajou os 27 estados brasileiros durante dois anos para produzir o CD *Canções do Brasil*. Sandra conheceu crianças

de origem açoriana no Sul e indígena no Norte. Descobriu que o Maranhão é o lugar onde mais se brinca de bumba-meu-boi. No final, entendeu que, apesar das diferenças culturais e sociais, as crianças brasileiras têm muito em comum. Adoram correr, falar alto, cantar. Brincam de cadê? achou!, de roda, pulam corda, amarelinha, empinam pipas (ou papagaios, pandorgas, quadrados, raias) e batem palmas ao som de *A-do-le-tá*. Como em cada criança existe um pouquinho do Brasil, a revista CRESCER apresenta nesta edição a primeira de uma série de reportagens do Projeto *Bebês do Brasil*. Durante um ano, vamos contar a história de crianças de todos os estados do país, recheada com informações e números. A idéia é desvendar o que elas têm em comum, o que as distingue. E formar, no final, um retrato da primeira infância — período que compreende do zero aos 6 anos de vida — no país.

PATROCÍNIO

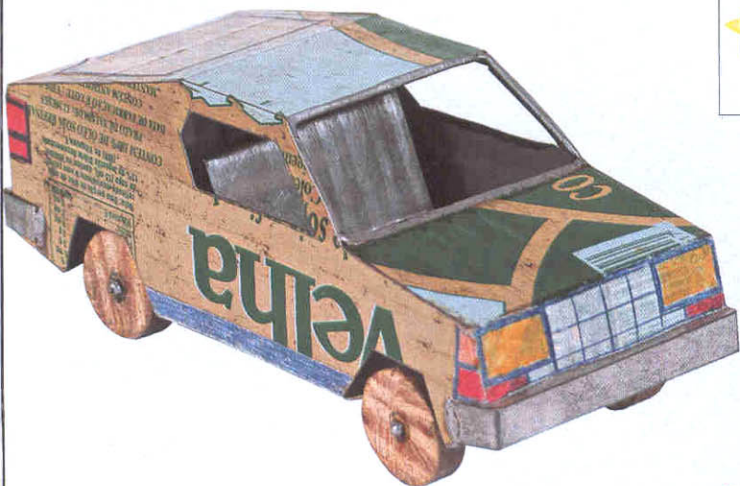


PATROCÍNIO



*O MINISTÉRIO DA SAÚDE
ADVERTIU APÓS OS SEIS
MESES DE IDADE COM TUDO E
OFERECIA NOVOS ALIMENTOS.





PATROCÍNIO



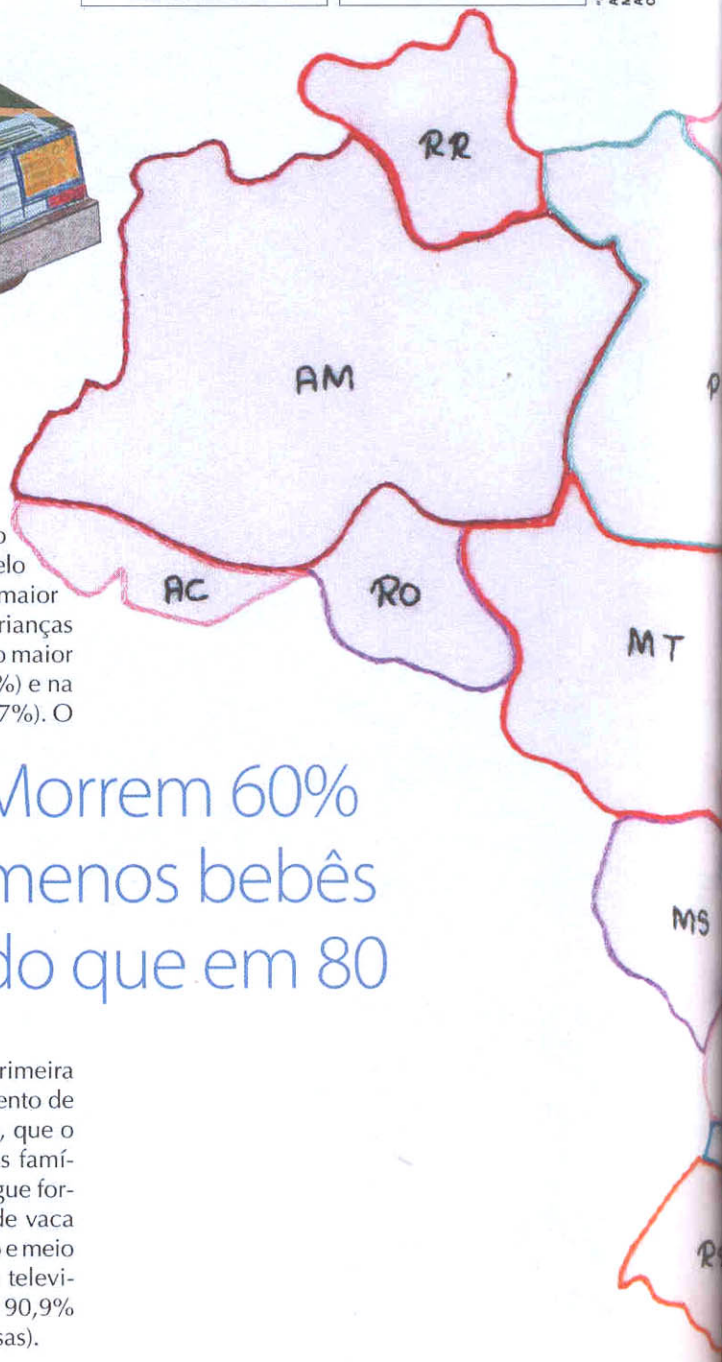
PATROCÍNIO



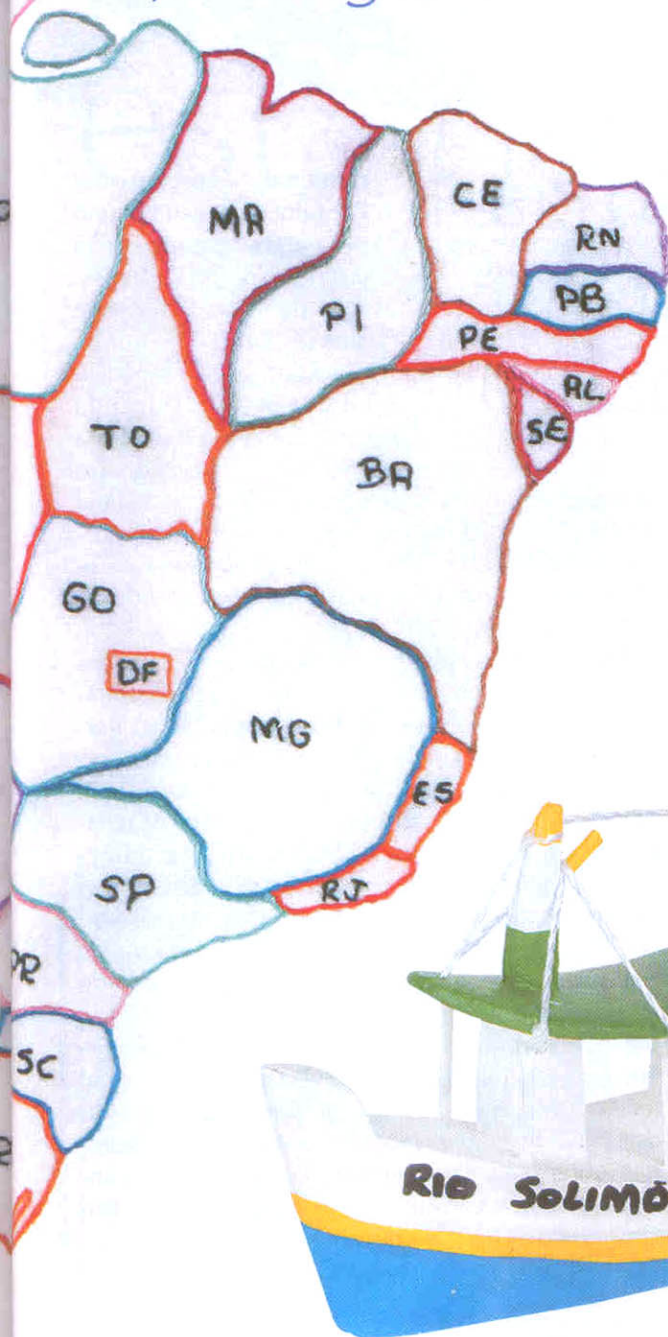
"O MINISTÉRIO DA SAÚDE
RECOMENDA O USO DE
MÊSES DE LACTAÇÃO
AMAMENTANDO SEU FILHO E
OFERECER NOVOS ALIMENTOS."

Em 2004, segundo o IBGE, havia 21.715.233 crianças de zero a 6 anos no Brasil, ou 11,93% da população. Segundo o Censo de 2000, a maioria é branca, seguida pelo grupo dos pardos. No Amazonas, existe a maior comunidade de indiozinhos (23,5% das crianças indígenas de 0 a 4 anos). Em São Paulo, está o maior número de descendentes de orientais (44,3%) e na Bahia o maior grupo de crianças negras (16,7%). O número de bebês por mulher despençou nos últimos 60 anos. Em 1940, cada brasileira tinha em média 6,2 filhos. Em 2004, a taxa caiu a 2,1. A moda do filho único nunca esteve tão próxima e as crianças jamais foram tão valorizadas por seus pais. Por enquanto, a família média nacional tem 3,4 integrantes e renda mensal de R\$ 510. Já faz tempo que casar no papel deixou de ser obrigatório, mas os brasileiros gostam de formalizar suas relações na primeira oportunidade que aparece. Houve um aumento de 7,7% de 2003 para 2004 nos registros civis, que o IBGE credita aos casamentos coletivos. Nas famílias, o costume de dar a chupeta ao filho segue forte (52,9% dos bebês), assim como o leite de vaca integral, engrossado (há bebês tomando 1 litro e meio por dia!) e o programa preferido ainda é a televisão. Há mais TVs nos lares brasileiros (em 90,9% deles) do que geladeiras (em 88,1% das casas).

Morrem 60%
menos bebês
do que em 80



A família média nacional tem 3,4 integrantes



Bons avanços

A infância está bem melhor do que há 10, 20 e 30 anos. O Índice de Desenvolvimento Infantil (IDI) elaborado pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância, o Unicef, mostra os avanços dos últimos cinco anos. Em uma escala que varia de zero a um, o IDI nacional saltou de 0,61 para 0,67, ou 10%, entre 1999 e 2004. O índice levou em conta a quantidade de crianças vacinadas, o número de consultas pré-natais da gestante, o número de crianças matriculadas na pré-escola e a escolaridade dos pais. O estado com melhor IDI é São Paulo, com 0,803, e o pior, Alagoas, com 0,473. Um olhar mais debruçado sobre as estatísticas mostra avanços importantes e o maior deles é a queda na mortalidade infantil. Em 1980, de cada mil bebês que nasciam vivos no Brasil, 69,1 morriam antes de completar 1 ano. Em 2004, o índice despencou para 26,6. Deve-se creditar boa parte do sucesso à atuação da Pastoral da Criança, uma ONG ligada à igreja católica. Desde a década de 90, seus voluntários ensinam cuidados básicos de higiene e saúde às famílias mais pobres. Hoje a Pastoral acompanha 1.817.149 crianças, além de milhares de gestantes. Some-se a isso o aumento do aleitamento materno e forma-se um panorama favorável às crianças. “A amamentação exclusiva no Brasil era praticamente zero. Hoje é de 35% dos bebês”, diz a pediatra Elza Giugliani, da Sociedade Brasileira de Pediatria. Isso reduziu a desnutrição nos primeiros seis meses de vida.

Mas o que se vê por meio dos números também causa preocupação. Há bebês sem acesso a atendimento médico, sem creche e que morrem sem sequer aparecer nos registros oficiais. “Ainda existe muito para descobrir sobre as crianças brasileiras”, alerta a senadora Patricia Saboya (PSB-CE), coordenadora no Senado da Frente Parla-

mentar pela Criança e pelo Adolescente. Há, por exemplo, criança demais sendo explorada sexualmente — e milhões que trabalham no lugar de irem à escola. Só entre 5 e 9 anos, eram 270 mil crianças em 2003. Como trabalho infantil, entenda-se plantar cana-de-açúcar no Nordeste, cuidar da casa e de outras crianças no Norte, vender bala nos semáforos do Sudeste, por exemplo. O historiador Philippe Ariés escreveu que “o trabalho de crianças conser-

va uma característica da sociedade medieval: a precocidade da passagem para a vida adulta". Criança que trabalha não estuda. Não brinca. Não sorri. "Criança é um ser brincante. Precisa de movimento para entender a vida. Se não passa pela experiência das brincadeiras corporais, fica enroladinha nela mesma, não se solta", alerta a pesquisadora infantil Lydia Hortélio.

Poder materno

A explicação para o trabalho infantil mora numa panela vazia e na crença de que trabalhar ajuda a formar caráter. Nenhuma mãe põe o filho na lida por sadismo. E a mulher é cada vez mais o principal salário da casa. No ano 2000, 17,8% das crianças até 6 anos viviam em casas chefiadas por mulheres, segundo o IBGE. Com pouca renda, o caminho está na educação.

Um levantamento feito pela Fundação Getúlio Vargas mostra que a instrução da mãe aumenta em quatro vezes a chance de o filho ter acesso ao ensino. "A maternidade está associada a um estado especial em termos de conquistas sociais. São as mães que passam valores, crenças, religiosidades. Deveriam ser vistas como as protagonistas de políticas sociais", defende Marcelo Néri, economista-chefe do Centro de Estudos Sociais da FGV. Ainda não chegamos lá. Falta, por exemplo, atendimento à gestante. "Mais de 50% das mortes de crianças ocorrem na primeira semana de vida", diz Ana Cecília Sucupira, coordenadora da Área da Saúde da Criança e Aleitamento Materno do Mi-



Criança no Brasil pode falar alto, fazer algazarra

nistério da Saúde. Por quê? Por falta de assistência no pré-natal e no parto e pela prematuridade dos bebês. Faltam também escolas e creches. Em 2004, 68,20% das crianças de zero a 6 anos estavam fora da escola. Como se explica isso? Do bolo de dinheiro

que o governo federal reserva à educação, a fatia destinada às creches públicas era nada. Isso mesmo. NA-DA. Coincidência ou não, o governo anunciou investimentos de R\$ 200 milhões na educação infantil para 2006.

Os brasileiros cortam um dobrado para criar seus filhos, mas guardam uma característica fundamental para o desenvolvimento das crianças. "Aqui, permite-se que as crianças falem e riem alto, que corram, que façam algazarra, que se expressem com alegria", explica a antropóloga Lia Zanotta Machado, da Universidade Federal de Brasília. Os números que você viu enxergam a desigualdade e não as diferenças culturais que enriquecem a nossa infância. Estatística, como sempre, é uma amostra fria da realidade. Com tamanha diversidade de raças, de cultura, de religião e de renda, certamente há bebês com estilos de vida completamente diferentes em cada cantinho do país. As histórias que você vai ler nas próximas páginas são apenas um exemplo do tipo de vida que levam nossos bebês Brasil afora. Conheça agora o arretado Cristian, do Rio Grande do Norte, e Giovanna, a menina trilegal do Rio Grande do Sul. Viaje conosco!

